



A NOVA CRIATURA

Ajudando os santos a consolidarem sua chamada e eleição. – 1 Pedro 1:10

Batismo: Verdade vs. Tradição

“Cristo também sofreu por nós, deixando-nos um exemplo, para que sigais as suas pisadas.” – 1 Pedro 2:21

Pouco depois de Jesus ser batizado no rio Jordão, ele disse a seus discípulos: “Tenho um batismo para ser batizado...” (Lucas 12:50) Jesus não estava se referindo ao seu batismo nas águas por João, mas à missão que o consumiria diariamente por três anos e meio. Esse batismo foi uma jornada de sacrifício que terminaria com sua morte na cruz, quando ele clamou: “Está consumado!”

Os cristãos concordam que o Novo Testamento ensina que os seguidores de Jesus devem ser batizados. E embora isso seja um ponto pacífico, há uma grande diversidade de pensamento quanto a como deve ser realizado e qual seu significado. Agora, neste tempo do fim, os cristãos são capacitados por meio de ferramentas de estudo da Bíblia a aprender a verdade sobre essa bela, mas frequentemente incompreendida, representação do verdadeiro batismo cristão.

Embora para os cristãos haja apenas UM ÚNICO batismo, alguns talvez se surpreendam ao saber que existem sete batismos diferentes mencionados nas Escrituras: 1) O Batismo em Moisés e na Nuvem, 2) O Batismo de João, 3) O Batismo de Jesus por João, 4) O Batismo de Fogo, 5) O Batismo na Morte de Cristo, 6) O Batismo do Espírito e 7) O Batismo pelos Mortos. Compreender a função e o propósito desses sete batismos diferentes nos ajudará a apreciar mais a vida sacrificial de Cristo e como nosso próprio batismo se relaciona com o dele.

1. O Batismo em Moisés e na Nuvem

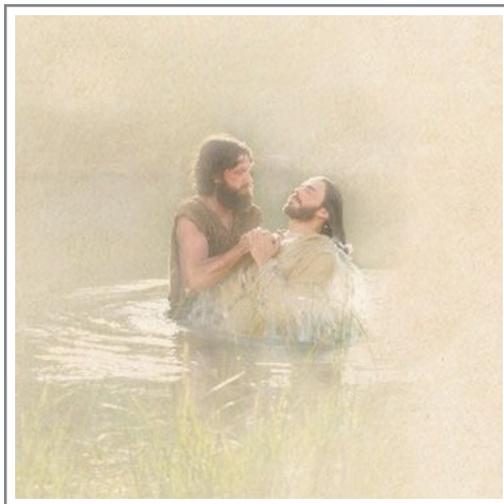
As várias cerimônias da Lei de Moisés não estipulavam nenhum batismo para os judeus; no entanto, o apóstolo Paulo aludiu ao batismo deles quando disse: “Todos foram batizados em

Moisés, na nuvem e no mar.” (1 Coríntios 10:2) Após atravessarem o mar Vermelho no Êxodo de Israel do Egito, eles logo fizeram um pacto com Deus ao pé do monte Sinai. Essa travessia do mar Vermelho representava simbolicamente o batismo de Israel como nação. Como mediador entre Deus e a nação de Israel, Moisés proclamou: “O Senhor [Jeová] teu Deus levantará para ti um profeta do teu meio, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis.” (Deuteronômio 18:15,18; Atos 3:22) Segundo o arranjo de Deus com o povo hebreu, quem permanecesse fiel ao

Pacto da Lei estaria pronto para reconhecer e aceitar Jesus como o Messias — o melhor Mediador. (Hebreus 12:24) Quando Jesus veio ao seu povo, aos judeus de fé que já tinham uma relação pactuada com Deus, a transição do Pacto da Lei para Cristo foi apenas um pequeno passo.

2. O Batismo de João

Quando João Batista começou a pregar, sua missão era preparar os judeus, qual nação, para a vinda do Messias. Ele profetizou que o Reino era iminente e que o povo hebreu precisaria estar na correta condição de coração para receber as bênçãos de Deus por meio do Messias. A pregação de João atraiu apenas os judeus que exerciam fé nas promessas. Seu batismo era apenas para esses judeus — indivíduos que buscavam renovar seu compromisso de pactuação com Deus. O batismo de João, portanto, simbolizava o arrependimento e a purificação das violações do Pacto da Lei — restaurando-os à harmonia com Deus.



O apóstolo Paulo se referiu a esses judeus fiéis como ramos naturais da oliveira — a Promessa original dada a Abraão. (Romanos 11:16-21) Mas, infelizmente, Jesus “veio para os seus [Israel], e os seus não o receberam; mas para todos quantos o receberam, a eles deu ele a liberdade de se tornarem filhos de Deus.” (João 1:11, 12) Aqueles indivíduos, os poucos fiéis que se arrependeram e o receberam, Jesus chamou de “verdadeiros israelitas”. (Veja João 1:43-51.) Israel como nação, no entanto, rejeitou o Messias. Assim, cinco dias antes de sua crucificação, Jesus falou sobre a desolação da nação de Israel. “Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, assim como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não o quiseste! Eis que a tua casa é deixada desolada.” — Mateus 23:37, 38.

Essa desolação, a remoção do favor de Deus por um tempo da nação de Israel, começou em 36 d.C. — três anos e meio após a morte de Jesus. Houve, então, a transição da Era Judaica para a Era Cristã. Mas, até esse ponto no tempo, somente o povo judeu tinha recebido o privilégio de, pela fé, passarem para Cristo — passarem da “casa dos servos” para a “casa dos filhos”. — Hebreus 3:5.

3. O Batismo de Jesus por João

O próprio Jesus marcou o início desse ponto de transição da Era Judaica para a Era Cristã. Assim que completou trinta anos, a idade adulta sob a Lei, Jesus fez uma consagração completa de si mesmo — um sacrifício completo de sua vida. Qual homem perfeito, poderia ter vivido para sempre na carne, mas Jesus abriu mão de seus direitos de humanidade perfeita para fazer apenas a vontade de seu Pai. (Salmo 40:7, 8; Hebreus 10:7) Assim, consagrando-se a seu Pai, Jesus foi batizado por João no rio Jordão. (Mateus 3:13) Desse modo Jesus estava ensinando que seu batismo exterior simbolizava a entrega voluntária de sua vida terrena.

João Batista tentou dissuadir Jesus de ser batizado, dizendo: “Preciso ser batizado por ti, e vens tu a mim?” (Mateus 3:14) João observou que Jesus não tinha necessidade de se arrepender de pecados, nem de infrações contra a Lei de Moisés. Mas Jesus consolou João: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.” — Mateus 3:15.

“E Jesus... saiu imediatamente da água ... [nota — ele não foi aspergido] e viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba...” (Mateus 3:16, 17) O símbolo da pomba era uma indicação de que Deus havia gerado seu precioso Filho para uma nova natureza — uma

vida espiritual. Quando João levantou Jesus da água, isso simbolicamente representou o início da Nova Criação — começando com Jesus como o cabeça da Igreja. Jesus desejava dar um exemplo a seus fiéis, e cada membro de seu corpo deveria “seguir seus passos” — começando com a consagração do coração para fazer a vontade do Pai — seguido pelo símbolo externo do batismo.

4. O Batismo de Fogo

Pouco antes do batismo de Jesus, João exclamou: “Na verdade, eu vos batizo com água para o arrependimento; mas aquele que vier depois de mim... vos batizará com o Espírito Santo e com fogo; limpará completamente a sua eira... queimará a palha em fogo inextinguível.” (Mateus 3:11, 12) João estava profeticamente apontando para o fogo da ira de Deus que viria sobre a nação hebraica que rejeitou Seu Filho. (1 Tessalonicenses 2:16) Houve realmente um batismo de fogo — a destruição de sua existência nacional pelos romanos no fim da Era Judaica. Jesus indicou que o “fogo” sobre a “palha” daquela nação representava um “fogo” semelhante sobre a classe do “joio” da cristandade — os falsos cristãos — na colheita desta Era Evangélica. Esse batismo de fogo será “um tempo de tribulação como nunca existiu desde que existiu nação”. — Daniel 12:1.

Infelizmente, alguns cristãos interpretam mal esse texto e até oram por um batismo de fogo. É importante não confundir o batismo de fogo com outra forma de batismo cristão, nem igualá-lo com a manifestação pentecostal do Espírito Santo — as línguas de fogo que caíram sobre alguns crentes. — Atos 2:3.

5. O Batismo na Morte de Cristo

“Não sabeis que tantos de nós que fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados em sua morte? (...) se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição.” (Romanos 6:3-5) Esse batismo na morte começa no momento de nossa entrega total à vontade de Deus — consagrando nosso tudo para segui-Lo e obedecê-Lo, mesmo até a morte. (Apocalipse 2:10) O ponto em que Deus aceita nossa consagração sincera é quando somos contados como prospectivos membros do corpo de Cristo — Jesus sendo nosso Cabeça. — 1 Coríntios 12:27; Efésios 1:22, 23.

Nossas vontades — nossa mente — controlam nosso corpo, cérebro, tempo, talentos, influência e posses. Não há nada de valor que possuímos que não esteja apropriadamente sob o controle da vontade. Portanto, quando

entregamos nossas vontades, damos nosso TUDO a Deus em Cristo. Os que fazem uma consagração plena de suas vidas tornam-se sacrificadores conjuntos com Jesus no serviço da Verdade.

Esse sepultamento ou imersão de nossa vontade humana na vontade de Cristo significa nossa morte simbólica como seres humanos. “Pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” (Colossenses 3:3) Após o sepultamento de nossas vontades, somos gerados para uma nova vida — para uma nova natureza espiritual, como Novas Criaturas em Cristo Jesus — com a perspectiva de uma ressurreição espiritual. Seguindo Jesus, tomamos nossa cruz para andar nos seus passos de morte da vontade própria para vivermos com uma nova mente e uma nova vontade. “Se, pois, já morremos com ele, também com ele viveremos; se sofrermos, com ele também reinaremos.” — 2 Timóteo 2:11, 12; Romanos 6:3-8; 2 Coríntios 5:17.

6. O Batismo do Espírito

“Assim como o corpo é um e tem muitos membros... assim também é Cristo. Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo...” (1 Coríntios 12:12, 13) Há uma diferença entre o batismo na morte de Cristo e o batismo do Espírito. O batismo na morte de Cristo é uma decisão individual, na qual cada um que deseja se tornar membro do corpo de Cristo deve se consagrar individualmente — sacrificar sua vontade a Deus em Cristo. Em contraste, o batismo do Espírito Santo se refere ao ÚNICO batismo para toda a Igreja — começando com Jesus. Como o óleo da unção derramado sobre a cabeça do Sumo Sacerdote no Tabernáculo, o Espírito Santo flui de Jesus — o cabeça da Igreja — para os membros do corpo. (Salmo 133:2) Esse batismo do Espírito continuou com a unção dos judeus reunidos no Pentecostes, depois em Cornélio, o primeiro gentio convertido. Com a rejeição da nação hebraica, o caminho da fé foi aberto para os gentios que não tinham um relacionamento com Deus. Os gentios, como o apóstolo Paulo explicou, eram ramos de oliveira brava e seriam enxertados nas vagas criadas pela remoção dos “ramos naturais” da oliveira original. Assim, é como crentes individuais — sejam judeus ou gentios — que somos batizados na morte de Cristo — e é como membros conjuntos do corpo de Cristo que nos juntamos à unção do Espírito Santo e nos constituímos sua Igreja.

7. O Batismo pelos Mortos

“De outra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos se absolutamente os mortos não ressuscitam?” (1 Coríntios 15:29) Durante a

Idade das Trevas, um mal-entendido desse texto levou à falsa prática do batismo substitutivo. Essa ideia consiste em batizar alguém em prol de outra pessoa que morreu sem se batizar. Mas quando o verdadeiro batismo cristão é esclarecido, quando entendemos que é um símbolo da consagração do coração a Deus, fica fácil ver que é impossível ser batizado por “procuração”, isto é, no lugar de outra pessoa.

Em 1 Coríntios 15, o apóstolo Paulo estava defendendo a doutrina da ressurreição, ou seja, se Cristo não ressuscitou a fé no Evangelho seria em vão, pois significaria que todos os que morreram pereceram para sempre. Paulo sabia que Cristo e sua Igreja levantariam os mortos de seus túmulos. Assim, o batismo pelos mortos realmente significa que Jesus e seus seguidores são batizados com o propósito de ressuscitar e reabilitar o mundo morto da humanidade. Cristo foi o primeiro a ressuscitar da morte e sua fiel Igreja seriam os próximos. E então, Cristo com esses fiéis — cabeça e corpo juntos — levantarão o mundo da humanidade de seus túmulos. — 1 Coríntios 15:21-23; Apocalipse 21:1-4; 22:17.

O simbolismo do batismo nas águas

Voltando a Romanos 6, observe que não há menção à imersão na água. O batismo na morte de Cristo é o verdadeiro batismo para seus seguidores fiéis. O batismo nas águas é apenas o símbolo, como foi para Jesus. Todos os que recebem o verdadeiro batismo em plena consagração devem ser considerados membros da Igreja. O belo símbolo do batismo nas águas é mostrado pelo novo crente sendo imerso na água, em total submissão, como na morte. Isso simboliza a morte para a vontade própria e o ressurgimento para uma novidade de vida pela graça e a força de nosso Senhor. O batismo nas águas é a confissão pública do compromisso que fizemos de coração. Observe as seguintes definições de batismo:

- Concordância de Strong: “Imergir, mergulhar (ou seja, totalmente, na água)”
- Dr. Philip Schaff, presbiteriano: “Imersão, e não aspersion, era inquestionavelmente a forma original e usual. Isso é demonstrado pelo próprio significado das palavras gregas *baptizo*, *baptisma*, *baptismos*.” História da Igreja Apostólica, p. 568 (em inglês)
- Martinho Lutero, luterano: “Batismo é uma palavra grega e pode ser traduzida como ‘imersão’.” “Eu gostaria que os que vão ser batizados fossem totalmente mergulhados na água.” Obras de Lutero, Vol. I, p. 336
- John Wesley, metodista: “Sepultado com ele pelo batismo” — aludindo ao antigo método de imersão.”

Por seu próprio exemplo, Jesus e os apóstolos ensinaram claramente o batismo com água simbólico: “Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome [pela autoridade] do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (Mateus 28:19, 20) Os apóstolos e todos os instrutores fiéis deviam ensinar os novos crentes a respeito da graça de Deus em Cristo, de sua justificação pela fé e de estarem mortos para a vontade própria. Assim, o batismo na água — a imersão total na água — é um símbolo do sepultamento do “homem velho”. (Romanos 6:6) É o sinal externo pelo qual a consagração interna, do coração, serve de testemunho para os que observam o batismo. Os apóstolos exortaram os novos crentes à plena consagração de coração, dizendo: “Rogo-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus que apresenteis os vossos corpos em sacrifícios vivos, santos, aceitáveis a Deus, vosso serviço razoável.” (Romanos 12:1) Esse foi o convite para se consagrar, para se sacrificar, para ser “batizado em sua morte”. Como evidência da importância do batismo com água, veja Atos 8:12, 35-38; 10:44-48; 18:8; 16:14,15, 33.

O formalismo levou à confusão

Poucos séculos depois que os apóstolos adormeceram na morte, conceitos supersticiosos a respeito do ato do batismo foram erroneamente acrescentados à doutrina cristã. O batismo deixou de ser um símbolo para representar a plena submissão da vontade de alguém à vontade de Deus e passou a ser um ato formal concebido como um meio para se cancelar os pecados passados e garantir a entrada no céu. Daí passaram a afirmar que se um indivíduo não realizasse o ato do batismo, sua esperança de salvação estaria perdida para sempre.

A confusão sobre esse assunto levou os crentes a buscarem o batismo para seus filhos — confiando no ato formal e não no livre arbítrio e na fé do crente. Visto que crianças pequenas são incapazes de oferecerem sacrifício — de se consagrarem de coração à vontade de Deus — uma perversão adicional do propósito original do batismo foi inventada, na qual um “padrinho” apresentaria uma criança para o batismo com o compromisso implícito de provê-la do necessário na falta dos pais.

Ao longo das décadas, o formalismo continuou a aumentar: fontes especiais de água benta foram construídas; votos elaborados foram criados; os sacerdotes oficiantes exorcizavam os crentes de demônios; etc. Muitos desses conceitos equivocados do batismo ainda mantêm algumas denominações em cativeiro supersticioso a cerimônias que se acredita

terem poderes místicos. Mas essas cerimônias nunca foram autorizadas pelas Escrituras.

Entregar nossa vontade a Deus deve ser uma escolha pessoal — mas bilhões desconhecem esse fato. É reconfortante saber que Jesus “deu a si mesmo em resgate por todos [incluindo os que nunca foram batizados] para receberem um testemunho no tempo devido”. (1 Timóteo 2:6) Nesse tempo devido, todos sairão de seus túmulos para aprender sobre a vida que Jesus deu pela vida do mundo. Então, todos irão conhecê-lo, do menor ao maior! — Atos 4:12; 1 Timóteo 4:10; Jeremias 31:34.

“Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.” — Mateus 22:14

Muitos ouvem o chamado do discipulado e começam a pesquisar as Escrituras, mas poucos entram nesse caminho estreito. “Estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram.” (Mateus 7:14) Os que andam nesse caminho hoje são os prospectivos filhos adotivos de Deus. Esses escolhidos agora buscam com diligência conhecer a vontade de Deus por meio de sua Santa Palavra. Com a orientação do Espírito de Deus contida na Palavra ensinada por instrutores habilitados, esses escolhidos começam a compreender as coisas mais profundas de Deus: “O segredo do Senhor está com os que o temem; e ele lhes mostrará Seu pacto.” — Salmo 25:14; João 16:13.

À medida que os recém-consagrados progredem, eles também adquirem mais compreensão sobre o propósito de serem batizados na morte de Cristo: “Porque foi concedido a vocês em nome de Cristo, não apenas crer nele, mas também sofrer por ele.” (Filipenses 1:29) Seguir os passos de Jesus Cristo significa andar como ele andou desde seu batismo no rio Jordão até morrer na cruz no Calvário. Esse é o batismo para o qual Jesus agora nos chama: “Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.” — Mateus 16:24.

Depois que consagramos nosso TUDO a Deus e mostramos publicamente, pelo símbolo da água, o que está em nosso coração, precisamos continuar andando em plenitude de fé e numa vida de santificação — separados das influências mundanas, das tendências pecaminosas e das seduções de Satanás. Os que permanecem fiéis ao seu pacto com o Pai recebem a coroa eterna da vida. “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” — Apocalipse 2:10.

